

A cristologia de Nicolau de Cusa (1401-1464): análise em diálogo com Joseph Moingt

*The christology of Nicholas of Cusa (1401-1464):
Analysis in dialogue with Joseph Moingt*

Francisco Emanuel Lima Santos

Resumo

A pesquisa com o tema cristologia, do período denominado por Idade Média, é bastante desafiadora. Nessa época, houve inegáveis transformações, especialmente na Baixa Idade Média. As convulsões sociais, políticas e econômicas, e as demandas relacionadas à saúde assinalaram o fim do medievo. Nicolau de Cusa (1401-1464), admirável personagem do final da Idade Média e início da Idade Moderna, teve sua notabilidade que rendeu vultosa produção literária - cerca de 30 obras. Entre as mais destacadas estão *De docta ignorantia*, *De visione Dei*, *De Concordantia Catholica*, *De Deo abscondito* e *De pace fidei*. O presente trabalho aborda os aspectos cristológicos do pensamento de Nicolau de Cusa em semelhança com os do teólogo jesuíta francês Joseph Moingt (1915-2020). Com grandes obras escritas, ficou conhecido também por ter trabalhado no Instituto Católico de Paris. Ambos propõem uma cristologia aberta e humanizadora, sem as amarras da Igreja institucionalizada. A metodologia adotada é a revisão bibliográfica e analítica.

Palavras-chave: Cristo. Cristologia. Homem. Deus-Homem. Liberdade.

Abstract

Research with the theme of Christology, from the period called the Middle Ages, is quite challenging. At that time, there were undeniable transformations, especially in the Low Middle Ages. Social, political and economic upheavals, and health-related demands signaled the end of the Middle Ages. Nicholas of Cusa (1401-1464), an admirable character of the late Middle Ages and Modern

Age, had his notability that yielded a substantial literary production - around 30 works. Among the most prominent are *De docta ignorantia*, *De visione Dei*, *De Concordantia Catholica*, *De Deo abscondito* and *De pace fidei*. The present work approaches the Christological aspects of Nicholas' thought in similarity with those of the French Jesuit theologian Joseph Moingt (1915-2020). With a vast amount of written work, he was also known for having worked at the Catholic Institute in Paris. Both propose an open and humanizing Christology, free from the shackles of the institutionalized Church. The methodology adopted is the bibliographical and analytical review.

Keywords: Christ. Christology. Freedom. God-Man. Man.

Introdução

Neste artigo, pretende-se analisar o pensamento sobre o Deus-Homem de Nicolau de Cusa, que viveu no século XV, em correlação¹ com os aspectos cristológicos do teólogo jesuíta Joseph Moingt na sua obra *Deus que vem ao homem v. II: da aparição ao nascimento de Deus - Nascimento* da editora Loyola (2012). É a continuação de obras anteriores, tendo a seguinte estrutura: Introdução, Capítulo 4: Nascimento de Deus – I A suspensão do tempo: O espírito e o corpo. II O templo novo: A Igreja morada da Trindade. III O véu rasgado: O povo de Deus em êxodo.

Joseph Moingt nasceu na França, em 19 de novembro de 1915. Foi teólogo jesuíta, com especialização em cristologia. Quando tinha 23 anos de idade, no fim de 1938, entrou para o exército por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, ficou prisioneiro em diversos campos até ser libertado definitivamente em 1945. Após seus estudos, ordenou-se sacerdote em 1949. Depois, ingressou na função de professor em instituições de ensino por muitos anos como no Instituto Católico de Paris. Entre suas obras, destacam-se *O homem que vinha de Deus* (1993) e *Deus que vem ao homem*, dividido em tomos: do luto à revelação (v. I - 2002) e da aparição ao nascimento de Deus (v. II-I - 2005 e v. II-II - 2007).²

O artigo parte dos seguintes questionamentos: é possível encontrar pontos de convergência na cristologia de Nicolau de Cusa e Joseph Moingt? Se sim, de que forma o pensamento cristológico dos dois se confundem? Para responder a essas indagações,

¹ Essa correlação não pretende aprofundar os dois pensamentos, mas apenas apontar possíveis convergências entre os dois autores.

² ALVES, R. G., O conceito de encarnação no horizonte teológico de Joseph Moingt, p. 16-17.

a metodologia adotada é a revisão bibliográfica e analítica, cujo propósito faz o diálogo entre esses dois autores que viveram em épocas distintas, mas pareceram apresentar convergências de pensamento, sobretudo, no que diz respeito à aparição do Deus-Homem que veio ao mundo. Assim como Nicolau de Cusa, Moingt colaborou com a cristologia, como é ressaltado por Guimarães: “Joseph Moingt, autor de uma vasta obra teológica, abrangendo muitas áreas com uma eloquente competência, muito contribuiu para a reflexão, principalmente em se tratando da cristologia”.³

Na referida obra, o teólogo Moingt aborda o tema *Deus que vem ao homem: da aparição ao nascimento de Deus*, sob o ponto de vista relacionado à modernidade que, aparentemente, havia deixado Deus de lado.⁴ Mas ressurgiu e, nesse aparecimento de Deus, são revelados a Igreja e o Espírito Santo que buscam dialogar com o mundo, o terceiro personagem. No entanto, discute-se também a vinda de Jesus como enviado do Deus-Pai ao mundo em evento histórico da revelação cristã, o Verbo Encarnado. Declarou Moingt que o “nascimento começa pela vinda de Jesus ao mundo, se manifesta por sua subida para junto do Pai e pela descida do Espírito, continua na origem e no crescimento da Igreja”.⁵ Nesse sentido, o pensamento dele dialoga com o de Nicolau.

Guimarães comenta que, de maneira geral, a obra de Moingt procura analisar a maneira concreta de transmitir a fé cristã na atualidade. Ele pensa como a mensagem de fé pode ser proclamada de forma compreensível para a humanidade, como resposta às interrogações vitais colocadas não somente como aceitação embasadas em uma autoridade institucional.⁶

Moingt parece demonstrar em suas obras a visão mais aberta, porém autônoma no que diz respeito à religiosidade e à espiritualidade das pessoas. Dá voz àqueles que necessitam, dialoga com o diferente, tenta inserir as pessoas no espaço da Igreja. Da mesma forma, Nicolau muito se preocupou com a institucionalização da Igreja com tendências exclusivistas e não inclusivas. Para Nicolau de Cusa, Cristo, o Deus-Homem, veio para unir todos em uma só fé. Ele é o evento histórico marcante, a revelação divina aos homens, a mensagem de Deus. Seguindo esse raciocínio, afirma Moingt que

A revelação aparecera, então, como o evento por meio do qual Deus desvela sua paternidade com relação a um homem, Jesus de Nazaré, e chama todos os homens a participar dela pelo dom do Santo Espírito; e a Igreja como instituição

³ GUIMARÃES, V., O Homem Jesus e o marco da história, p. 121-129.

⁴ MOINGT, J., Deus que vem ao homem - volume II, p. 275.

⁵ MOINGT, J., Deus que vem ao homem - volume II, p. 14.

⁶ GUIMARÃES, V., O Homem Jesus e o marco da história, p. 121-129.

histórica graças à qual esse evento continua a ser anunciado ao mundo e aí produzir frutos de salvação.⁷

Nesse caso, parece que ele pensava da mesma forma que Nicolau de Cusa. Nesse sentido, há a semelhança da cristologia cusana dialogando com a cristologia de Moingt, levando em consideração suas especificidades, particularidades e distâncias temporais e culturais, evitando sempre os anacronismos.

Nicolau de Cusa nasceu em 1401, na Alemanha, na cidade de Kues (Cusa), um vilarejo que se encontra ao sul do país, perto do Rio Mosela. Entre 1417 e 1423, formou-se em Direito pela Universidade de Pádua, onde também conseguiu o grau de doutor. Na Universidade de Colônia, em 1425, estudou Teologia e Filosofia, tendo contato com conceitos neoplatônicos e aristotélicos. Ele exerceu a função de bispo, depois, cardeal, em 1448 e vigário, em 1459, quando recebeu o título de Vigário-Geral pelo Papa Pio II.⁸ Ao se graduar em Direito, tentou a carreira jurista, mas não teve sucesso. Após a sua primeira derrota nos tribunais, passou a se dedicar à vida religiosa. Nesse meio, ficou conhecido pela dedicação fiel à Igreja.⁹ Morreu na Itália em 1464, sendo sepultado na Igreja de São Pedro em Vinci.¹⁰ A pedido dele, o seu coração foi levado à capela do hospital de sua fundação, em Kues.¹¹

1. Nicolau de Cusa e o seu contexto filosófico-humanista renascentista

Colomer descreve que Nicolau de Cusa viveu no horizonte histórico que junta o Outono da Idade Média à Primavera do mundo moderno. No mesmo século XV, em cuja primeira metade ele viveu, no mundo, surgiram figuras tão contrapostas como Joana d'Arc e João Gutenberg, Tomás de Kempis e Martinho Lutero. A fragilidade do império se dava ao vigor dos novos estados nacionais. O movimento conciliarista, à tendência para um poder pontifício e curial mais centralizado. A dissolução da escolástica, ao desenvolvimento da mística e do humanismo nascente, com aquele especial despertar da autoconsciência e do novo sentido valorativo do indivíduo e da experiência que essas correntes traziam consigo.¹²

No findar da Era Medieval, surgiu o Renascimento europeu, que se manifestou com a reivindicação de nova proposta de mundo. De certa maneira,

⁷ MOINGT, J., Deus que vem ao homem - volume II, p. 195.

⁸ ULLMANN, R. A., Introdução, p. 18.

⁹ CRESCENZO, L. D., História da filosofia moderna, p. 9.

¹⁰ SOUZA, K. T. A. D., Liberdade, igualdade e amor, p. 10.

¹¹ ULLMANN, R. A., Introdução, p. 19.

¹² COLOMER, S. J. E., Nicolau de Cusa (1401-1464), p. 387-435.

foi uma reação contra o controle opressivo sobre a cultura de governantes e clérigos corruptos e aproveitadores. Na profusão de individualismo, os artistas assinavam as próprias obras e os gênios literários escreviam autobiografias e reverenciavam a criatividade humana, a liberdade, a cultura, as artes, as ciências humanas, na incansável busca do novo tempo,¹³ embora esse tempo fosse, conforme Franco Júnior, apenas a remodelação quantitativa de bases e conceitos medievais.¹⁴ Marc Bloch alude que, na Idade Média, sempre existiram clérigos bem-instruídos, os quais muitos haviam sido formados nas escolas monásticas e, sobretudo, nas catedrais.¹⁵

Garin explica que o homem do Renascimento é personagem que, nas suas atividades específicas, põe em prática, de modo análogo, novas características. Como exemplo, tem-se o artista que não é mais apenas artífice de obras e artes originais, pois, por meio da sua atividade, altera a sua posição social, intervém na vida social, especializa as suas relações com os outros. Também o humanista, o notário e o jurista se tornam magistrados e, com os seus escritos, influem na vida política, bem como o arquiteto negocia com o príncipe para construir a cidade.¹⁶

Em seu pensamento, saberes se consubstanciavam, pois o filósofo também era teólogo, mago, astrólogo e cientista, embora mantivesse suas especificidades, buscando a inspiração nos clássicos. Essa era a filosofia-humanista característica do Renascimento, ou melhor, renascida precisamente do Renascimento. Instaurou-se um tipo de filosofia crítica, rebelde, investigadora e inquieta. Essa ansiava por verdades ocultas, desvencilhando-se das ortodoxias.¹⁷

2. O Deus-Homem e a Humanidade

Nicolau de Cusa tratou o homem como ser criado à imagem de Deus, do qual emana a beleza do divino, ainda que de maneira incompleta. Todos procedem do mesmo Criador. Com base nesse raciocínio, Nicolau de Cusa argumentou a salvação dos povos na sua obra *De pace fidei*. Nessa, buscou o diálogo inter-religioso, a partir de pontos convergentes entre a Igreja Católica Romana e outras religiões. Para ele, todos os povos são alcançados pela universalidade do amor de Cristo.¹⁸ Esclarece-se que, para Nicolau de Cusa, a salvação é cristológica, pois mesmo sendo possível a salvação nas religiões,

¹³ OLSON, R., História da teologia cristã, p. 357.

¹⁴ FRANCO JÚNIOR, H., A Idade Média, p. 15-18.

¹⁵ BLOCH, M., A sociedade feudal, p. 106.

¹⁶ GARIN, E., O homem renascentista, p. 10-11.

¹⁷ GARIN, E., O homem renascentista, p. 123.

¹⁸ Uma visão geral da obra: NICOLAU DE CUSA, A paz da fé: seguida de Carta a João Segóvia.

ela precisa estar ligada ao evento salvífico-cristológico. Ainda que Cristo seja adorado e denominado por diversas formas, das manifestações se requer o fator cristológico. Nesse sentido, Moingt comentou o evangelho universal paulino assim:

Todos os homens eram então chamados a encontrar a salvação em Cristo, sem nenhuma exclusividade de raça nem de religião, e sem outra condição a fé, a qual não é uma condição onerosa nem limitadora, uma vez que consiste simplesmente em confiar no amor de Deus manifestado na cruz de Cristo.¹⁹

Na mesma linha de Nicolau de Cusa, Moingt parece também concordar que, por mais que se queira dialogar com as outras crenças, é necessário e importante que o fator Cristo esteja presente, ainda que se diga que exista salvação nas religiões. Não é plausível pensar a salvação fora de Cristo, mesmo que seja apresentada em suas particularidades.

A perspectiva cristológico-humanista cusana também se deu, em parte, devido à leve mudança de pensamento sobre a Trindade que aconteceu entre os séculos XIV e XV. No século XIV, a Trindade era sofredora e, no século XV, triunfante, progressista, gloriosa. A partir do século XI, o Cristo foi considerado humilde e sofredor, mas também vencedor. Ressurgiu da morte, trará o Juízo Final. Essas ideias se propagaram nos séculos XIII e XIV.²⁰

Esse cenário teológico da Idade Média, no século XII ao XV, propiciou que Nicolau de Cusa tivesse seu olhar acerca do homem otimista, com base no conceito do Deus-Homem. Jesus Cristo que se tornou humano interveio na história, sendo Deus em movimento. Formou-se em Nicolau de Cusa uma espécie de humanismo em que o homem se move em direção a Deus que interage com o homem e esse com o universo. Ele passou a ter mais visibilidade, pois Deus veio em forma humana, valorizando a natureza e o corpo humano. Tal pensamento era, no mínimo, ameaçador para as pretensões da Igreja naquele contexto medieval de controle social.

De igual forma, para Moingt, Deus se revela na história e por meio do seu povo. É Deus móvel que faz o percurso histórico. Não há ideia de Deus pertencente a uma instituição hierarquizada, como também pensava Nicolau. Ele age livremente, move-se em busca da humanidade. Falando da história da salvação, Moingt comenta que:

A história da salvação não se deteve e se estabilizou com a instituição da Igreja, como se a relação de Deus com os homens tivesse sido resolvida uma vez por

¹⁹ MOINGT, J., Deus que vem ao homem - volume II, p. 88.

²⁰ LE GOFF, J., O Deus da Idade Média, p. 54-55.

todas... Deus não se retirou para o céu confiando-nos os seus afazeres, ele está sempre em busca dos pecadores que se perdem, o Pai em ato de lhes enviar seu Filho, o Filho de enviar o Espírito, e a Igreja é ela própria levada a se colocar em movimento e ir ao encontro de todos os homens.²¹

Para Nicolau de Cusa, Jesus Cristo exaltou a natureza humana, quando a assumiu por meio da encarnação: “Vejo, pois, na tua natureza humana todas as coisas que vejo na divina, mas vejo que é humanamente na natureza humana aquilo que é a própria natureza divina na natureza divina”.²² Percebe-se a valorização do homem por ter Cristo se tornado humano. Esse homem encontra-se ligado inteiramente a Deus, como ele mesmo esclarece: “Eu sou na medida em que tu és comigo. E porque o teu ver é o teu ser, assim eu sou porque tu me olhas. E se retiras de mim os teus olhos, de modo nenhum subsistirei”.²³ Essa humanidade se confunde com a divindade.

Segundo Moingt, a revelação, o evento Cristo transmitido pela igreja torna o homem livre e o humaniza. Cristo se revela ao homem por meio da Igreja não para prendê-lo a uma instituição, mas para que sirva a Deus em sua liberdade, a fim de que ele atinja a perfeição que Deus lhe deu ao criá-lo, ainda que possa estar ligado à Igreja.²⁴

A partir do entendimento de que esse Deus atende o humano, nos séculos XIII e XIV, apareceram muitas epidemias, pragas, guerras, tornou-se mais necessária a figura do Cristo humano, que se importa com os seus semelhantes.²⁵ Personagens religiosas que surgiram no início do século XIII, como São Francisco de Assis, mentalizaram o Cristo que fez voto pela humanidade. Mostraram, por meio de suas vidas, que Ele é Deus, não somente homem, mas humano.

Essas influências também levaram Nicolau de Cusa a pensar o homem de forma mais animadora. A medievalidade foi marcada por intensa espiritualidade como observa Vauchez, em seu livro *A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*, salientando que:

A palavra “*spiritualistas*”, que se encontra por vezes nos textos filosóficos a partir do século XII, não tem conteúdo especificamente religioso: designa a qualidade daquilo que é espiritual, ou seja, independentemente da matéria. Na verdade, a espiritualidade é um conceito moderno, utilizado somente a partir do século

²¹ MOINGT, J., Deus que vem ao homem - volume II, p. 113.

²² CUSA, N. D., A visão de Deus, p. 212.

²³ CUSA, N. D., A visão de Deus, p. 143.

²⁴ MOINGT, J., Deus que vem ao homem - volume II, p. 166.

²⁵ LE GOFF, J., O Deus da Idade Média, p. 38-39.

XIX. Para a maioria dos autores, ela exprime a dimensão religiosa da vida interior e implica uma ciência da ascese, que conduz, pela mística, à instauração de relações pessoais com Deus.²⁶

Na visão dessa espiritualidade, como demonstra Schmitt, que toda atividade humana, no período medieval, tinha relação com a religiosidade, ao contrário da sociedade contemporânea,²⁷ embora o conceito de religião também seja moderno. Na Idade Média, havia a tensão espiritual em relação ao mundo. Por um lado, as correntes ascetas desprezavam a matéria na expectativa do Juízo Final e da era vindoura. Por outro lado, as correntes que glorificavam as maravilhas da criação procuravam viver de forma ativa na sociedade.²⁸

Nicolau de Cusa, homem extremante ligado à Igreja, viu-se entre essa tensão na espiritualidade. Uma tensão sensível ao mundo físico das artes. Outra entendia que o caminho para Deus passava pela humildade e renúncia ao uso carnal desse mundo.²⁹ Ele não procurou menosprezá-lo com a sua beleza, pois julgava que o mesmo é reflexo de Deus. Também para Moingt, a salvação humana passa pela universalidade do amor de Cristo, o Evangelho abrange às nações.³⁰ O povo de Deus vive no mundo, para o mundo prega o Evangelho e não fará isso se escondendo dele.

Para Nicolau de Cusa, fora de Deus não há razão para a existência de todas as coisas. Ele é a origem de todas elas que se convergem nEle, por Cristo, o Deus-Homem. Como Ser Infinito, a origem de todas as coisas será nEle e por meio dEle que as compreendemos, pois Ele está em tudo e além de tudo ao mesmo tempo.³¹ Porém, o homem ainda que seja o espelho do Deus Infinito é finito.³²

Para Moingt, a salvação encontra-se em Cristo e não na Igreja institucionalizada, embora essa seja a transmissora da verdade salvífica. Argumenta que “a igreja católica romana não pode mais pretender ser a única Igreja de Cristo sem ferir todas as outras que igualmente apelam à fé em Cristo”.³³ Nesse ponto, Nicolau de Cusa, por mais que

²⁶ VAUCHEZ, A., A espiritualidade na Idade Média ocidental, p. 7.

²⁷ Uma visão geral da obra: SCHIMITT, J., O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensaios de antropologia medieval.

²⁸ GONZÁLEZ, J. L., Uma história Ilustrada do Cristianismo, p. 144.

²⁹ VAUCHEZ, A., A espiritualidade na Idade Média ocidental, p. 168.

³⁰ MOINGT, J., Deus que vem ao homem - volume II, p. 295.

³¹ Nos comentários que Ullmann faz no livro *A douda ignorância*, Nicolau, por vezes, foi acusado de ser panteísta por esse pensamento. Destaque do pesquisador.

³² Na obra *A douda ignorância*, Nicolau de Cusa trabalhou o conceito da “incognoscibilidade de Deus” no sentido de que não é possível conhecer Deus em sua totalidade. Na obra *A visão de Deus*, Nicolau discorreu sobre o tema do “olhar de Deus para nós”, a visão que ele tem de nós e, ao mesmo tempo, o nosso olhar para Deus.

³³ MOINGT, J., Deus que vem ao homem - volume II, p. 158.

defendesse o diálogo inter-religioso e fosse favorável à tese de que em outras religiões há salvação, não abria mão de analisar o meio de salvação apresentado nas crenças. A partir do seu crivo católico romano, o meio cristológico é o que parece ser também o caso de Moingt.

Conclusão

O pensamento filosófico-humanista renascentista do final da Idade Média apresentava características inovadoras, inquietantes, muitas vezes, consideradas rebeldes pela Igreja. A conjunção histórica na qual nasceu Nicolau de Cusa influenciou o seu modo de pensar a Igreja, o mundo, a espiritualidade e, sobretudo, a cristologia, como ficou constatado. Ele apresentou um Cristo Encarnado, Deus-Homem, revelação histórica de Deus, move-se na história, age no e por meio do seu povo, movimenta-se em direção ao homem e não é institucionalizado.

Nesse sentido, a Filosofia, em boa parte da Idade Média, primeiro, foi uma metafísica do ser. O pensamento filosófico centralizou-se no ser e pensou no homem em função do seu lugar no conjunto do ser. De forma reversa, no pensamento renascentista, a gravidade da Filosofia passou do ser para o homem. Nicolau de Cusa se relacionou com as ideias de sua época humanista-renascentista, quando conscientemente colocou no espírito humano o lugar da metafísica, ainda que se esquadrinha o espírito para encontrar nele a imagem de Deus, o espelho do divino. O homem é um indivíduo no mundo a autorrealizar-se, o seu espírito é a imagem de Deus, o Ser Infinito.

Para Nicolau de Cusa, o homem é criado livre, dotado de ideias e pensamentos próprios e precisa de sua valorização em todas as áreas e necessidades. Cristo nasceu e se encarnou por amor a todos os homens, não está preso à instituição hierarquizada, a Igreja, mas vai para além de suas correntes. Nicolau de Cusa considerou a impossibilidade de dizer que Cristo pertence somente à Igreja Católica Romana. Ele é universal, Filho de Deus para a humanidade.

Sendo Nicolau de Cusa personagem místico, teólogo, humanista e filósofo, foi percebida a relação do seu pensamento com o do filósofo-humanista renascentista, por meio de sua antropologia, espiritualidade e filosofia. Uma antropologia positiva, otimista, cujo valor advinha do Jesus Homem. Por isso, o homem é inteligente, racional e belo.

A grandeza de Nicolau consiste na conciliação do seu tempo com ideias inovadoras. Isso foi possível, porque, desde muito cedo, ele teve contato com teses humanistas. Também se interessou por caminhos da Matemática, Física, Astronomia e Filosofia. No entanto, embora tivesse relações com o humanismo e preservasse as características renascentistas do seu pensamento, o Renascimento, com o seu entusiasmo

pelas belas letras e o seu ideal de regresso à Antiguidade Clássica, confundia-se com as suas raízes medievais. Ele soube conciliar a velha fé da Igreja com a dupla corrente do neoplatonismo cristão e da mística filosófica que, mais ou menos irmanados, tinham fecundado toda a Idade Média com ideias humanistas-renascentistas.

Também se observou que a cristologia de Nicolau de Cusa se assemelha à de Moingt. Esse percebe o Cristo Encarnado, Deus-Homem, como evento da revelação histórica de Deus no mundo. Cristo se manifesta no/para o mundo pela coletividade do corpo de Cristo, a Igreja. Mas essa expressão não se dá de forma exclusivista, fechada em si e para si mesma. É uma revelação para a humanidade não pertence à Igreja, instituição hierarquizada, à tradição e aos dogmas, mas ao mundo, enquanto objeto do amor universal de Deus.

Para Moingt e Nicolau de Cusa, o grande desafio era comunicar o Evangelho ao mundo. Na época de Nicolau de Cusa, o mundo, em termos religiosos, sociais e econômicos, estava em transformações e conflitos. No que tangia aos conflitos religiosos, a relação da Igreja com os mulçumanos árabes exemplificou a tensão religiosa. Outro exemplo foi a dificuldade que a Igreja teve em lidar com o mundo moderno e seus desafios, como conciliar a fé e a ciência.

No período de Moingt, embora vivendo séculos depois de Nicolau de Cusa, verificaram-se pontos de semelhança, sem cair nos anacronismos, tais como: desafios da Igreja postos pelo Concílio Vaticano II, diálogo inter-religioso e secularização do mundo moderno. Ambos lidaram com situações dialógicas que exigem apontamentos de supostas soluções.

Partindo da base cristológica, Nicolau de Cusa e Moingt propuseram, no geral, três caminhos convergentes: Primeiro, Cristo é a revelação do Deus Pai na história humana, Deus-Homem que age na história por meio do seu povo. Segundo, Cristo Encarnado procura todos os homens, pertence à humanidade e não à Igreja. Portanto, a mensagem e as benesses que dela decorrem são para os que se aproximam dEle. Terceiro, a valorização do homem resulta da encarnação e vida de Cristo. Esse foi homem, humano que humanizou a relação daquele com Deus, fora de qualquer pretensão metódica.

Moingt e Nicolau de Cusa, apesar de tecerem comentários, às vezes, poucos tradicionais, souberam conciliar suas críticas à fidelidade, à Igreja, a qual ambos amavam profundamente. Em alguns momentos, Nicolau teve dificuldade com a Igreja por conta de seus pensamentos e suas ações como, por exemplo, quando ele se envolveu com o movimento conciliarista que objetivava descentralizar o poder papal. Mas não se evidenciou que ele tenha tido maiores problemas com a Igreja.

Ao que parece, não havia a mínima intenção deles de difamar ou rebaixar a importância da Igreja no processo de salvação dos homens, nem de ignorar o seu

papel no mundo. Ambos se preocuparam com os caminhos que a Igreja precisa tomar em cada período da história humana, a partir de uma cristologia inclusiva e não exclusiva. Um Cristo humano e da humanidade e não somente da Igreja.

Assim, o propósito de trabalhar a cristologia cusana em diálogo com aspectos cristológicos semelhantes da cristologia de Moingt foi alcançado. Percebeu-se esse diálogo, dentro das limitações naturais do tempo de pesquisa e das características autorais. Esses dois autores importam ser estudados na história do Cristianismo, na área da Teologia. Por seus aspectos da cristologia, eles instigam leitores e pesquisadores, pois seus pensamentos contribuem com a temática investigada na atualidade.

Referências bibliográficas

ALVES, R. G. **O conceito de encarnação no horizonte teológico de Joseph Moingt**. São Paulo, 2017. 129p. Dissertação. Faculdade de Teologia - Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.

BLOCH, M. **A sociedade feudal**. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

COLOMER, S. J. E. Nicolau de Cusa (1401-1464): um pensador na fronteira de dois mundos. **Revista Portuguesa de Filosofia T. 20**, Centenário de Nicolau de Cusa, Fasc.4, n.V, p. 387-435, out./dez. 1964.

CRESCENZO, L. D. **História da filosofia moderna**: de Nicolau de Cusa a Galileu Galilei. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

FRANCO JÚNIOR, H. **A Idade Média**: nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GARIN, E. (Org.). **O homem renascentista**. Lisboa: Presença, 1991.

GONZÁLEZ, J. L. **Uma história ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 1995. v.5.

GUIMARÃES, V. O Homem Jesus e o marco da história: reflexões em torno da cristologia de Joseph Moingt. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE** v.6, n.1, 121-129, 2015. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3252/3338>>. Acesso em: 29 abr. 2022.

LE GOFF, J. **O Deus da Idade Média**: conversas com Jean-Luc Pouthier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOINGT, J. Deus que vem ao homem (Volume II): Da aparição ao nascimento de Deus - Nascimento. São Paulo: Loyola, 2012.

NICOLAU DE CUSA. **A paz da fé**: seguida de Carta a João Segóvia. Coimbra-Portugal: Minerva Coimbra, 2021.

NICOLAU DE CUSA. **A visão de Deus**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

OLSON, R. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Vida, 2001.

SCHIMITT, J. **O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo**: ensaios de antropologia medieval. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SOUZA, K. T. A. D. **Liberdade, igualdade e amor**: perspectivas para uma ética em Nicolau de Cusa (1401-1464). João Pessoa, 2018.

ULLMANN, R. A. Introdução. In: NICOLAU DE CUSA. **A douta ignorância**. Porto Alegre: EDIPCURS, 2002.

ULLMANN, R. A. Nicolau de Cusa (1401-1464). **Revista Portuguesa de Filosofia T. 58**, Fasc.4, n.V, p. 917-932, Filosofia no renascimento: Autores e Problemas, out./dez. 2002.

VAUCHEZ, A. **A espiritualidade na Idade Média ocidental**: séculos VIII a XIII. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Francisco Emanuel Lima Santos

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: sanemau@hotmail.com

Recebido em: 13/07/22

Aprovado em: 17/10/22